



**RILDO FELIX DA SILVA**  
**ANTÔNIO DE BRITO FREIRE**

# Constelações





**Universidade Estadual da Paraíba**  
Prof<sup>a</sup>. Célia Regina Diniz | *Reitora*  
Prof<sup>a</sup>. Ivonildes da Silva Fonseca | *Vice-Reitora*



Latus é um selo da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Moraes de Sousa | *Diretor*  
Antonio de Brito Freire | *Editor Técnico*

#### **Conselho Editorial**

Alessandra Ximenes da Silva (UEPB)  
Alberto Soares de Melo (UEPB)  
Antonio Roberto Faustino da Costa (UEPB)  
José Etham de Lucena Barbosa (UEPB)  
José Luciano Albino Barbosa (UEPB)  
Melânia Nóbrega Pereira de Farias (UEPB)  
Patrícia Cristina de Aragão (UEPB)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

#### **EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500  
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: [eduepb@uepb.edu.br](mailto:eduepb@uepb.edu.br)

Rildo Felix da Silva  
Antônio de Brito Freire

# Constelações



Campina Grande-PB

2025

Depósito legal na Câmara Brasileira do Livro - CDL

S586c Silva, Rildo Feliz da.  
Constelações [recurso eletrônico] / Rildo Felix da Silva e  
Antônio de Brito Freire. – Campina Grande : EDUEPB-Latus,  
2025.

172 p. ; 13 x 21 cm.

ISBN: 978-65-83083-12-8 (Impresso)

ISBN: 978-65-83083-13-5 (2.027 KB - PDF)

1. Poesia Brasileira. 2. Versos. 3. Literatura Brasileira. I.  
Freire, Antônio de Brito. II. Título.

21. ed. CDD B869

À EDUEPB, nas pessoas do  
diretor prof. dr. Cidoval Morais de  
Sousa e do editor prof. dr. Antônio  
de Brito Freire por tornarem  
possível este livro...

E ao competente professor Arão  
de Azevedo (criador da capa).



Às nossas mães, amores gigantes,  
Maria de Lourdes da Silva,  
Dona Lurdes e dona Mocinha,  
dona Ana,  
aos irmãos e irmãs...



***in memoriam:***

de nossos pais: Rinaldo e Ducl...  
da irmã que se encantou...de seu  
Antônio e Dona Irene de Areia...



Ao último poeta vermelho  
que perambula pelas diversi-  
dades de tudo que é política e vida  
neste mundo...



Às filhas e filhos:  
Kaelly Sophia, Marcéu, Gitá, Vida e  
Antônia Dinamene...

# SUMÁRIO







De aurora a aurora.....	91
Vam do bar.....	93
Poema do dia.....	94
Banho de cheiro azul.....	95
Pela uva sem o pão.....	96
A perda da palavra.....	97
Poemas à parte.....	98
Ofertório.....	99
Sal e saliva.....	100
Viver é amar.....	101
Ainda não é.....	102
Muros domésticos.....	103
Se eu.....	104
Feriram a periferia.....	106
Pobre diabo.....	107
Malditas ideias.....	108
Um sertão por dentro.....	109
Nem de noite nem de dia.....	110
A morena é.....	111
Eis o eu real e profundo.....	112
Pena impiedosa.....	113
Eu só quero viver.....	114
Sessão Coruja.....	115

## **Portal de desabafos: à guisa da via pública**

“Todo dia tem a hora da sessão coruja...”.....	117
As letras e as palavras.....	119
O milagre dos poetas.....	120
Nasi-nasi.....	121
Almas rezam e tremem de ódio.....	122
Braços e bocas.....	123
Nem só de lágrimas vive o nome.....	125
Um certo José.....	126
Oração de comunista.....	127
O menino e os monstros imperialistas...128	
Sentenças inaplicáveis.....	129
A crítica daqui .....	130
Os poetas menores.....	131
A tarefa de Negão.....	132
À trindade.....	133
Quantas vezes o amor andar­á entre nós?..134	
Deus é a pessoa.....	135
O dono de tudo não humilha ninguém...136	
O voo eterno.....	137
A disputa pela vida.....	139
Morte e vida.....	140
O tempo revela tudo.....	141

A mãe é a terra.....	142
Eternas testemunhas de tudo....	143
Tudo é fofoca.....	144
A morte dos filhos.....	145
A feira.....	147
O matador de leões.....	148
O capitalismo engoliu o mundo.....	149
Abismos do dia.....	150
O mundo está ficando esquisito.....	151
Guerra do agro.....	152
Guerra falsa.....	153
Já nasceram os pássaros-drones.....	154
Os impostores .....	155
Território humano.....	156
Os donos e os danos.....	157
Se tudo estivesse perdido.....	158
Prevo do canibal no carnaval.....	159
Quem não planta, recolhe.....	160
Entre o íntimo e a intimidade..	161
Ela não era princesa.....	162
A velha bodega da curva sinuosa..	163
Amor se mede.....	164
<b>Sobre os autores</b> .....	165

## *Apresentação*

Apresentamos este livro, porém, longe da pretensão de sermos poetas, mas bastante próximos do desejo de sermos poesia. O livro que ora apresentamos é fruto de uma parceria que vem da música em nossa juventude onde participamos como autores em vários festivais.

O livro “Constelações” tem um conglomerado de estrelas que nasceram em nós vendo o dia a dia de nossos lugares, de nossa gente, por isso abrangemos, sobretudo, a poesia nossa de cada dia. “Nossos” versos não são “nossos”, são versos do mundo, das coisas do mundo e numa sintonia, bem nossa, juntamos estas coisas com um viés poético. Como disse

o poeta Neruda “a poesia não é de quem faz, mas de quem precisa dela”.

Este livro nasce da necessidade do desengavetamento de ideias jovens e pulsantes porque fazer poesia como sonhadores ainda é um desafio para todos os poetas que já não dormem e que já não sonham mais, contudo, vislumbram poesia em tudo que seus olhos alcançam e suas mãos tocam.

Os românticos faziam poesia com a alma e enveredavam por caminhos outros para falarem do dia a dia, os realistas, também faziam com a alma e descreviam a realidade do dia a dia e faziam de sua poética uma via de denúncias, rompendo com a descrição tardia. Nós fazemos tudo ao mesmo tempo porque ainda sonhamos, não um sonho do vir a ser, mas o sonho do aqui e agora porque já não nos interessam o paraíso distante.

Tentamos fazer de “nossos” versos verdadeiros emblemas humanos cheios de nossas próprias características. Neste sentido, lembramos o poeta e escritor Jorge Luiz Borges que nos diz que “pelo futuro devemos dar o melhor do nosso presente” e este é o nosso melhor do presente momento.

Nossa língua é ferina, é felina e estamos afiados e afinados com nossa gente. Fazemos versos como quem faz “omelete” buscando os ingredientes para forjar a força de uma criatividade que nos arrebate para arrebrandarmos a aspereza humana, embora seja esta aspereza o que monta e remonta nossa leveza.

“Constelações” revela uma imagem literária de uma margem povoada por marginais ora espertos e ora espetados na conjuntura política atual do dia a dia. Por isso mesmo, buscamos com toda ira de nossas mensagens abordar a força do atraso que acometeu nossa nação nos anos de fascismos. “Nossos” versos são nossas vestimentas, nossas armaduras, nossos calçados e nosso transporte que nos levam em passeios por tantas outras “constelações” ou galáxias literárias.

“Nossos” versos ora são pálidos, ora são vermelhos cor de sangue, ora são negros como nossas peles. Trazemos em cada verso um pulsar de luzes e apagões que nos reportam a caminhos dantes navegados por tantos marinheiros de primeiras e últimas viagens. Os versos com reversos, ora completamente avessos a tudo, ora ancorados, colados na nossa realidade, traduzem a força dos poetas antenados com suas raças porque vestem-se na via de Edgar Allan Paul quando acreditam que o poeta é único por ser a “a antena da raça”.

Os versos de “Constelações” são muito mais do que palavras, são navalhas cortantes que atravessam nossa garganta, nossa carne e tocam em nossos nervos, mas não escondem, em versos, que o inverso é só silêncio profundo.

Todo leitor que se aventurar a encarar os versos deste livro certamente vai ancorar e encarar um “porto de passagem” como dizia José Paulo Paes, pois “nossos” versos são convites para o leitor ficar ou para partir em busca de sentidos que dilacerem

outros tantos sentidos que podem desnudar a vida do leitor que se encontrar e se desencontrar com a “dor e a delícia de ser o que é”, conforme Caetano em “Dom de Iludir”.

Fazemos versos como quem anda, como quem come, como quem bebe e os que perceberem este banquete se servirão da melhor maneira. Cada verso de “Constelações” ri e chora com o tempo dos que vivem de choros e de risos no cotidiano marcante da passagem de cada um pela terra.

Em “Constelações” muitos versos já se iniciam nos próprios títulos que nunca estão isolados e que já iniciam o diálogo a partir de uma chamada ao leitor. Os títulos são títulos e versos ao mesmo tempo e isto, por si só, já basta para entendermos que o bate-papo dos poetas é mais do que “papo reto”.

Os autores.

**Quando você for embora**

No andar de tua fantasia  
o real vai te seguir  
sem que percebas  
os seus passos,  
teus dramáticos defeitos manifestos  
em cada clicar do teu ambulante olhar  
darão espelhos a tudo que vês...  
quando você for embora  
vou me sentir chegando,  
voltando para dentro de mim,  
para os meus inventos de onde  
me recrio mil vezes mil,  
de onde combino para brincar  
com meu eu menino.

## Apenas oito

Acuado num pranto qualquer  
 ouvia um canto:  
 “todos juntos vamos  
 pra frente Brasil, Brasil,  
 do meu coração”,  
 mas eu nem ia junto,  
 nem ia pra frente,  
 nem o Brasil era do meu coração,  
 nem meu coração era do Brasil  
 dos anos de chumbo.  
 Minhas manhãs eram frias  
 e as noites mais ainda,  
 eu não vivia a criança que vivia ali  
 onde memórias e segredos  
 traíam os brasileiros,  
 em degredos, irmãs e irmãos, nunca tinham razão  
 e a história vista de cima  
 reservava à esquina  
 o medo imposto por inteiro.  
 Nesse tempo,  
 o fascista usava  
 capuz para se disfarçar de beato que beijava a cruz.

### **Enquanto isso**

Para quem vive o sofrimento  
na dor de não saborear o mel  
resta-lhe o banquete do fel.

No banco dos réus  
segue a fome da miséria  
de barriga em barriga.

## **O dia do professor**

O dia mal terminou  
e não há nada a festejar,  
nem a homenagear.  
Esse pilequinho de descaso  
não exprime sentimentos de humor nem de amor  
e as casas legislativas  
legislam apenas para suas eufóricas procissões  
parlamentares.

**Em nós artistas**

Tempo e espaço  
precedem a arte de fazer poemas,  
a poética entre um e outro olhar  
carece do manuseio de ferramentas  
ou de um sol desenhado  
na quina do céu azul  
que desponta num passo ou no compasso  
de quadros dentro dos esquadros desse poema-  
matemático.

## **Homenagem**

Família-luz-amor  
braços abertos sem vírgulas sem pontos iniciais  
nem finais  
senhor Ermínio dona Modéstia Elis Elane Helida  
Eldane Elma-Eminha  
braços fortes de gente gentil

## **Pisamos no chão**

Dos frutos que nos alimentam  
em utópicas coragens decisórias  
que o pai do saber  
que é gerador de outros  
que geradores também serão.

Paulo Freire,  
pai do antifatalismo  
do eu que não aceitou o mundo como está.

**Há mil dias**

Na mira dos olhos  
e dos ouvidos da lei,  
em todas as manhãs,  
de cada casa,  
sair é escapulir para o abismo,  
livrar-se é sair sem ir,  
é fugir por vias que não confortam corações  
que são presas fáceis da delinquência  
de mil dias no topo de ingerências políticas.

**O lado de fora da vida**

Mamãe não sabia que eu tinha só seis aninhos.  
Aconteceu na cidade menina-Campina  
em incertos horários de fé  
quando eu era conduzido aos empurrões  
e abduzido sentia que não vivia  
com aquela gente careta e triste  
que era presa fácil do esquisito amor  
daquele ambiente.  
Esse mau trato encobria  
meu viver  
no âmbito da dessemelhança  
que não era minha via  
para canto algum.  
De tão pequenino, sabia lá, eu,  
de altar, milagre e dízimo  
Por não ser convertido?  
Não era amado no meio dos já dados  
e não me sentia dado  
porque não sabia de verbos.  
De tão menino, sabia lá, eu,  
de algum quê de salvação  
ou de joelho forçado a pedir perdão.  
Essa grande perda?  
Aos não submetidos, o castigo,  
aos submetidos, o dízimo.

**O poeta da Paraíba**

Desde a verde idade  
vem com sangue, suor  
e sapiência das ordens variadas de saberes,  
o poeta da Paraíba cava territórios  
de genealogias da poética  
na perseguição de falas silenciosas que nos rodeiam  
neste tempo presencial.  
O poeta da Paraíba é filósofo  
do indiciário implacável  
e não se cansa  
de nos esvaziar e nos encher  
de novos olhares  
em novos caminhos infindos.

**Os 'militares' são bons**

Quando estão do lado do povo  
à disposição de sugestões,  
de mudanças sociais  
de dias e de rotinas,  
de quebra de gelos  
na impressão de novos selos  
do tempo em seus romances.  
Nossas salvas de tiros  
de culturas libertárias  
sem divisão geográfica  
porque o chão é indivisível  
e contínuo a cada pé de olho,  
se um olho sempre procura o outro,  
um olho cego não tem o destino  
do outro olho que vê.

*Dedico ao último poeta vermelho...*

**Sem direito a presente**

Não há merecimento  
nesse dia tão cinzento  
que nada diz para mim,  
onde nem a primavera vi  
na beleza que em demasia  
está encolhida e tão vazia  
na pintura escondida  
da noite intensa do dia-a-dia,  
tantos anos sem pensar  
deu no que tinha de dá: vinte e três anos coroados  
de enganos.

**Deus me livre dele e de todos os deuses**

De corações acorrentados,  
de paixões cegas  
e abertas a tantos caminhos,  
antes me livre de seus transcendentais,  
a partir deles  
não sou sim nem não  
neste mundo livre,  
mas tão afogado em olhares de lágrimas  
de choros em si  
de salivas de ponta de línguas  
em lágrimas de esquina de olho que ver.

### **Por você vivo na fronteira**

Pai Ido sabe que você é a estrela guia,  
criança, saber, brinquedo do sorriso da primeira  
manhã  
na luminosidade infantil multicolorida  
que porta alegrias em abundância,  
pai Ido é imortal nessa fronteira para lhe proteger,  
filha,  
porque você é um parágrafo de rotinas,  
de diários, de cotidianos, de dias e calendários  
a cada sol e cada lua.  
Filha, as estações dos anos não mudam  
e nossas estações são as de todas as vidas  
em minha escala-tempo,  
em sua escola-tempo.

**Aos negacionistas**

Do meio ambiente,  
da vacina,  
da terra “plana”,  
do contra-censo do IBGE,  
do voto impresso,  
do escritório do crime,  
das vidas negras que não importam,  
da cloroquina,  
da negação da máscara,  
da aglomeração,  
da limpeza das mãos.  
Os negacionistas da verdade são os das piores  
espécies  
defecadas todos os santos dias.

**É curioso**

O mistério  
dado ao agito do Egito,  
aqui, ali, acolá,  
está a se espalhar  
nas pirâmides dos velhos pedreiros  
precursores de novas pedras,  
de novas casas,  
novas ruas,  
novos asfaltos  
e  
até novas perdas.

**Nasci contra**

Abomino os malditos fascistas  
de espada e cruz,  
mas gosto dos irmãos do heavy metal,  
abomino milicianos  
e generais de três ou cinco estrelas obscuras.  
Nasci em guerra e de guerra serei  
e escolherei o inimigo  
naquilo que ele não quer ser.  
Os rostos dos que amam a espada  
sangram no poste da cruz,  
os rostos dos que beijam a cruz  
se desfazem em delírios religiosos.

### **Às vezes a gente**

Vive cego de tanto ver  
e nada ganha por viver  
e ouvir o presente  
que lançou o futuro para trás,  
futuro que se repete  
em todos os passageiros dias.

Quanto ao rosto  
da gênese desenhada  
no olhar da saudade  
que o poema captura,  
é a roda viva do círculo perene  
da ideia de que não  
vamos nos ver nunca mais.

**Tenho nojo e não vejo gozo**

No fardo do invejoso  
cujo silêncio é mais que um disfarce,  
permanecem os aditivos de tudo  
que ficou para trás  
no arrumar da mala de viagem  
em seu esvaziamento de si mesmo antes de partir,  
a vista do que não alcanço  
determina a distância sem pontos  
entre eu e ele.

**Quando**

O canto de guerra canta um canto perdido,  
o chão da vida, da paz,  
foge do coração pelos olhos  
e se lança no campo de batalha  
para renascer noutra chão,  
noutra gente.

## **As criancinhas**

Palestinas foram embora  
banhadas de sangue e fogo  
por uma nuvem de pólvora,  
deixaram outras palestininhas  
entregues à dor e aos derrames de lágrimas,  
Oh! deus bíblico,  
deus antigo,  
deus do testamento  
por que uns foram escolhidos  
para o banho de sangue e fogo?  
E outros escolhidos  
para serem os “banhadores” daqueles?  
O particular não está no todo  
e os criminosos do silêncio  
serão, em vida, levados  
às barras do Tribunal da Palavra certa.

**Se Deus vive**

Em Israel, ama os delirantes beijos  
entre foguetes e mísseis no céu,  
entre Benjamin e os vampiros de Jerusalém,  
ou ainda, quem sabe,  
descansa no céu  
de uma sonolenta Palestina  
ocupada, estuprada, violentada desde menina.  
Em mim tudo vaza,  
tudo é Gaza,  
não desejo o que desejas  
nessa Faixa vermelha...

### **A dor no peito do povo-nação**

O matador que mata a mata  
no meio do meio ambiente,  
mata eco, habitat e espécies já presas fáceis  
de cegos de tanto ver e gozar na dor  
do gesto de atirador  
que matou o atirador que atira  
e mata água, aldeia, peixe  
e não matando sede, mata tudo  
e se enaltece e “enlutece”  
na própria morte sua.

### **A precisão dos poemas**

Os poemas não precisam de nomes,  
nem de número de casas tão “desendereçadas”,  
poemas precisam de fonemas,  
de sons, de lábios, vozes e ouvidos.

Os poemas precisam  
de olhos para verem ruas e carros  
de duas ou quatro rodas  
nos tantos pés-Josés.

**Todos nós temos**

Temos por direito, por dever,  
por poder, por palavras e por imagens,  
que deter o matador de gente e de animais,  
esse bolsonaro, substantivo  
tão comumente comum,  
já já é já  
e que diabos faremos  
aos filhos e filhas que pensam?  
Que seus pés ganhem ombros  
e mais ombros  
e mais ombridades  
para tantos pés amigos.

**Por vezes**

O que está dentro não quer se fazer fora  
e o poema não sai,  
há guerra de palavras por dentro e por fora,  
todas querendo sair e entrar  
num só instante, num só verso,  
o poema nega a todo instante  
a vontade de ser  
o que ele já era antes.

### **Aos irmãos**

De todas as cores  
peço luta, luta sim!  
Nada a temer frente a vitória,  
nosso devir ainda tá por vir  
e a esperança canta  
por vezes sucessivas o canto  
do regresso ao ponto zero  
e  
nada é mais nada  
do que o eterno caminho dos caminhantes: eu e os  
outros.

**Não fale bobagem**

Pois na sala de aula, filho,  
pode ter alguém do governo  
que pensa que a aula é de deles,  
esses hipócritas, filho meu,  
são vermes a serviço da elite  
e perpetuadores de vampiros e morcegos.

## **O Brasil dos brasileiros**

O Brasil “que vivemos” dos guetos fascistas  
está em luto devido a morte moral  
do ambiente de interação  
na maior democracia das Américas,  
nas palavras do “mito da morte”,  
o ódio insuportável suportou-se.

### **Fatos provisórios**

São bagagens que levamos  
em nossas andanças  
por caminhos termináveis,  
são evidências  
do desespero interminável  
e do suspiro terminal  
de quem nada tem.

**O vazio é um estômago cheio de nada**

A fome de não poder comer,  
a sede de não poder beber,  
o sono de não poder dormir  
em bocas, olhos e ouvidos  
que escapam de nós mesmos,  
ainda há uma luminosidade  
que assinala minha retina  
e a rotina dos olhos-Ianne  
não são máquinas fotográficas quebradas,  
mas a incessante busca do foco possível  
capturar a luminosidade  
do que vem de dentro de nós.

**Faces do sertão**

Meu criador é ao mesmo tempo  
minha criatura destroçada por dentro  
e livre por fora,  
é como um rio desaguado  
por dentro e o sacrifício da lágrima  
seca por fora do lado externo.

**Fique em casa**

Traduzir o verbo ficar  
no presente do indicativo distante,  
indica a regra do distanciamento  
nesse momento de 'desalento' de espaço e de  
tempo,  
há uma batalha do bem maior  
contra o bem pior,  
fique em casa,  
se emparede nela  
porque mesmo sem flores  
ela é sua primavera.

**Arte**

Soante e melodiosa  
como tesoura que corta papel-carta,  
tinta pinta, rabisca,  
lápiz picota aos olhares de Sophia,  
papéis à vista de seus olhos infantis  
de engenho em engenho  
vivendo o desenho,  
nos desenlaces de minhas andanças  
Sophia recria a magia de ser criança  
e me leva de volta à minha infância.

**Prisioneiro da fome**

Na realidade nua  
e crua dos dias atuais  
é quase impossível entre nós  
um humano-empatia  
no lugar desses  
prisioneiros da fome,  
sem teto,  
sem pão  
e sem força  
nesse mundo-de-homem-cão.

**Não há mais sinais**

Não há porque agora seus ataques  
estão sendo atacados,  
as más-caras estão caindo uma a uma  
num canavial fechado  
e os canas já estão recolhendo todas  
porque suas mãos não têm mais forças  
para afagar o cabo da arma sem bala,  
seus bois,  
seus lobos,  
agora querem se redimir não é?  
Agora é tarde  
pois os mortos de moral não se levantam mais.

**Não seguimos a linha**

Entre os poetas e as poetas  
não há reis nem rainhas,  
abaixo todas as hierarquias  
em seus romances com suas alegorias.

Não seguimos a linha  
pois estamos próximos do poder sem poder  
usá-lo contra a liberdade  
e a ventura humana.

Bem aventurada a poesia que se rebenta  
contra os fenômenos de dominação.  
As palavras de poetas de fronteiras  
por mais quietas que sejam  
trazem tempestades  
que arrastam o mundo e os homens.

### **Aqui na alvorada de meus dias**

Num olhar indireto  
espio espinhoso o repentino espinho  
dos cactos e do tardio florescer de seu florar  
e ciente de que não devo desistir  
nem perder a capacidade de aguentar  
aprendo a trocar a desesperança  
pela balança da justiça,  
o espinho vem antes e aos furos  
abre caminho para o novo florar.

### **Poema guardado**

Nem escrito,  
nem pensado,  
apenas nascido.  
Não está num papiro  
por não desejar ser morador de livro  
nem alimento de traças.

## **Natal sem alma**

Anos vivos  
pelos anos de vida  
virando páginas  
ou revirando os anos  
de sua história de vida devida.

**Nesse dia sem alma**

No natal não faço  
distinção entre presente e coisa nenhuma,  
que diabo!

Por que o natal se enaltece  
se papai Noel rouba  
o lugar de papai do céu meia noite e meia  
e se apossa por força ou por fraude  
do dia do aniversário de nascimento  
do imortal menino  
amigo de nossas crianças?

### **Natal não lembra**

O natal não é só a terra ou lugar  
onde o sino gemeu e geme,  
é local ou natal o chão contínuo  
sem linhas imaginárias,  
a terra é natal de todos os homens,  
os que viveram,  
os que vivem  
e os que virão,  
os meninos e as meninas  
são natalinos, natalinas,  
porque todo chão é natal  
e a réplica não é real,  
o mundo tá incorreto  
e nesse dia de natal  
vamos brindar  
nosso nascer sem medo  
e blindar nosso local terrestre.

## **Apologia a Sophia**

Eu já nasci cantando  
num mover mágico dançando,  
minhas canções de sons mil  
num momento feliz de bebê infantil,  
brincar é uma fantasia que me atrai  
pois os brinquedos muito me satisfazem,  
toda hora é hora de começar  
e nenhuma hora é para parar de brincar,

brincar é saber e sabor em mim,  
brincar e brinquedos são sinônimos sim,  
ah, brincar vem de desejos em desejos  
ou da magia embalada nos segredos,

eu sei pintar um céu bem anelzinho,  
bem anil azulzinho, azulzinho, azulzinho,  
sei pintar uma manhã bem amarelinha  
ao desenhar um sol de manhãzinha,  
quando eu era uma princesa pequenininha  
rabiscava, pintava em tinta-lápis estorinhas,  
lembrando de mamãe contando estorinhas  
e de pai Ido escrevendo poeminhas.

## Um olhar de um grande olheiro da vida

O poeta das serras,  
do mundo,  
de nossas Campinas,  
de nossa gente  
se derrete em poemas homéricos  
que atravessam desde Meleto  
em vozes,  
em gritos,  
em palavras,  
em falas  
de sonoridades estéticas  
em um mundo calado,  
deitado na incoerência  
do silêncio absurdo,  
o poeta Toni até hoje rivaliza falsários  
no seu bom tom maior, poético,  
carioca-campinense-mundial  
de olhar,  
de coração,  
me ensinou a pesar o peso da pena  
que digita esse poema indignado.

**Exilado das coisas**

Que faço aqui?  
me sinto só,  
um rosto transtornado  
na imagem entre retrato e pose,

sem poder me refazer  
e tornar-me presente na vida  
das pessoas que deixei aí  
entre o mês de abril ou maio,

até mesmo a cena no teatro  
do meu eu encena a saudade  
da busca incessante  
de um rosto e de um lugar  
vendo uma coisa por outra  
pela “lembrança da ausência”.

## O Brasil adoceceu

Que Brasil assustador é esse,  
pesado, deprimente, negativo,  
na travessia do olhar latino americano de uma  
criança  
nesse holocausto de ideias e ancestralidades?  
O Brasil que minha filha amou ao nascer,  
mas que certo dia  
saboreando um sorvete de morango  
caminhando em meus braços  
por uma das ruas do “Calunga” de Boa Vista  
me olhou e suplicou:  
“pai Ido, compra um Brasil novo pra mim,  
o meu se rasgou e agora não presta mais”,  
Minha filha em sua inocência mágica  
sentindo o sorvete já dissolvido  
entre seus dedos  
fazia alusão à bandeira do Brasil  
que ela tinha desenhado num papel  
e que naquele instante  
era apenas uma imagem  
de um Brasil ausente aos seus olhos.

## **O futuro não chegou**

Não tire o pé do chão agora,  
permaneça de pé, olhe para você,  
não sacrifique seu viver  
nesse instante pelo dia de amanhã,  
viva a vida parecida com você  
quer você goste ou não,  
não poupe  
o que dizes ser bens teus  
porque quem guarda  
para um futuro longínquo  
guarda para as traças,  
para os roedores,  
as coisas que nós  
recusamos pode nos ajudar  
a sustentar o nosso edifício  
de vivências sem a melancolia da esperança,  
quanto mais copiamos modos de viver  
mais fomentamos as esperanças perdidas da  
perfeição.

**Conhecer o que**

Ficar culto não faz meu gênero,  
mas se for para os moradores da Vila  
quero ser o melhor médico de insanidades,  
virar curador de doidos  
não faz meu gênero,  
a ignorância nunca me fez mal  
porque saber e fazer caridade dá no mesmo,  
os erros dos homens,  
seus males,  
suas injustiças,  
seus impulsos desconhecidos  
são as sombras de sua ignorância.

**Ame, escreva e crie**

Não espere que a musa lhe inspire,  
a canção, o poema,  
ou o canto  
nascem dos seus próprios sonhos e pesadelos,  
a musa ocupa a mente  
como se fosse seu museu,  
sua casa, sua biblioteca real, seu templo,  
a musa diz: não crie nada, espere meu sopro em  
suas narinas,  
sou sua inspiração  
no novelo de suas lembranças e esquecimentos.

## Gravata

Em certos homens, a gravata,  
essa placa, esse traje,  
é uma arma de combate e de intimidação.

Essa tira leve e estreita  
que passa em volta do pescoço  
de homens de esquerda e de direita  
é peça indispensável no jogo,  
é um instrumento de golpe  
disfarçado nas excelências  
que retiram direitos de pobres  
e podam suas consciências,  
a gravata é um insulto  
às mazelas do mundo  
de gritarias e quentes falares.  
Desconfie de gente com esse traje  
que é outra forma de ultraje.

### **Povo do anauá**

Não reeleja vereador  
e deixe de ser reeleitor,  
nas zonas do próximo circo  
vamos nos vacinar  
contra o continuísmo  
reinventando um novo rito,  
vamos! vamos! desconfie  
desses ladrões de juízos,  
veja as caras dessas visitas  
revistas a cada quatro anos,  
são as mesmas velhas caras desbotadas  
vomitando os mesmos planos,  
não parecem umas gracinhas  
por trás dessas gravatinhas  
de passeio e de pracinhas?  
Estão tão acostumados  
a não ouvirem a voz do povo anauá,  
a não escutarem o que esse povo não fala  
e a não falarem o que esse povo não ouve.

## **Os pássaros do mundo**

Carregam céus  
em seus voos,  
em seus olhos,  
em suas asas  
cravadas em seus corações,  
os pássaros contam e cantam lindas  
estórias aos atentos ouvidos das alturas.

**Dá o quê a quem?**

Não me dê o que não pode ser só meu,  
o que eu não posso devolver-te  
ou o que não podes me tomar de volta,  
não te dou para que me dê  
o que não pode ser meu nem teu,  
tome de César o que não deveria ter sido dado,  
que omissão a tola decisão de atribuir a Salomão  
a autoria daqueles provérbios,  
seria necessário inúmeras auroras  
e infinitas horas a passear no relógio.

**“Roraima”**

És um monte verde no Norte,  
nossa primeira irmã,  
nosso mais atraente irmão,  
é muito bom ver-te  
independente de marco geográfico  
pois em tua volta não existe fronteira,  
monte de mitos e lendas,  
mor cachoeira do mundo  
pelos perigos da montanha do diabo,  
a tarântula gigante, um de teus mistérios,  
tem o maior saco de veneno  
de todas as aranhas.

**Mari e Lia**

Num canto da planície do meu sonho  
fitei duas crianças me vendo  
do horizonte infantil de seus olhares,  
brincaram e decoraram  
o terraço de estar de seus feitos,  
na dualidade desses mirares  
há imagens de um passado distante  
que à meia luz esconde lembranças,  
o que Mari e Lia não esquecem  
é do lúdico prazer de brincar  
como duas belas adormecidas nelas mesmas.

### **Enquanto escrevo maio**

Embora o mundo esteja dilacerado  
pela guerra como sempre estive,  
guerra concentrada em terras laicas,  
em terras bíblicas,  
os mísseis russos não param  
de cair perto das populações ucranianas  
e nem o grito silencioso de Jesus  
vale um cessar fogo,  
a bondade que existia em nossos corações  
que apanham mais que batem  
estão em chamas  
e já não chamam pela paz,  
pobre homem, esse projeto  
que ainda não deu certo  
e que desde a infância  
se procura por fora  
por não saber  
que está perdido por dentro  
do mês de maio de mulheres-mães-filhas.

**Pela longa estrada**

Por onde andei  
convertei centelhas de versos em trechos  
de passagens por caminhos travessos,  
caminhos avessos,  
dia a dia nessa caminhada  
passa Maria-Mãe com lata d'água na cabeça  
como quem vem das águas de Coremas-Mãe-  
D'água,  
irmão João do abrigo  
ficou retido pelo sofrer na esquina,  
nos cariris velhos foi feito refén  
no pé da serra das centelhas-noites,  
em centenas de passos tristes  
nesses versos-fragmentos de centelhas-famílias,  
a família Silva segue silvando  
nessa selva de pedra  
bem aqui  
na criança nem petrificada  
nem esquecida em mim.

## **Ia levando os olhos**

Saia da caverna  
sem vestes e desesperado  
não sabia pra onde ia,  
nem sequer sabia que fugia,  
deixou para trás rochas e rachaduras,  
o medo de estrelas e de outros animais,  
o medo do escuro e do medo  
pela luz que lhe deu as vias,  
o seu corpo pesado e peludo,  
era levado pelas pernas que iam  
e seus olhos espantosos  
não escolhiam as vias,  
esse mundo mudo quieto  
guiado por suaves sons e gestos  
“florestava” de imagens  
seu viver de sapiens a sapiens,  
árvores, rios e animais  
dentre eles, ele, um a mais,  
vendo pássaros rasgando ares,  
com olhos espantosos e barulhentos  
e longe do medo das noites escuras  
voou com as aves e alcançou os céus das alturas.

**Nem o destino**

Nem o tino  
nem o mundo  
estão nas mãos,  
nem mesmo os seus  
modelos de “governanças”  
falidos e “fudidos”  
existem mais,  
pobres israelenses,  
pobres americanos  
adoradores de sangue  
com seus olhos inertes  
cheios de vazio,  
são vítimas preferenciais  
de Biden, Donald e Netanyahu,  
mentes assassinas  
de olhos e mãos também assassinas  
querem toda a Palestina  
sem meninos e sem meninas,  
o dia deles há de vir  
antes do último corpo cair,  
antes do primeiro olho fugir  
e do último outro sucumbir,  
entre sangue e morte  
meu coração  
e minha mente  
estão com os palestinos  
e com as palestinas.

## **Não estamos**

Na macuxilândia  
onde “macuxi” se dar  
a troco sabe lá de quê,  
como se estivesse  
na macuxilândia world  
como que esquecido do labor,  
não estamos de mãos atadas  
nem a governo,  
nem a Estado,  
nem mesmo ao dinheiro  
com cara de fevereiro e dezembro,  
você saiu do trono para o ermo  
onde há menos gente  
e menos governo  
chamando o povo de liso  
e “riu e riu e ria”  
com tanta “dinheraria”,  
dia a dia nesse vai e vem  
quem é o dono de quem?  
Pergunte ao dinheiro:  
“quem é mesmo o dono de quem?”

## **Brasil e Áf**

rica do Sul  
enlaçados pelo diálogo  
desta travessia intercontinental  
contra o genocídio de Israel.

**Não importa**

Já não importa se quem tem olhos  
não ler o poema escrito e falado,  
o cego tem a opção de ver-se  
ao cansar-se da cegueira  
a qual pertence,  
ao véu infinito da escuridão ótica  
onde o poema é uma descoberta inédita  
de funções de sentidos,  
Beethoven ouviu com os olhos  
ao olhar as coisas como elas soaram.

## **A palavra que não veio**

Quando eu nasci  
não sei como foi,  
ao crescer um pouco  
quis saber: como que eu nasci?  
Mãe, fale do meu mexido  
em sua barriga,  
fale sobre o parto,  
o que veio à luz?  
mãe não disse nada  
e em língua calada,  
lavando roupa  
por segundos atentos  
me fitou pernas bambas  
mediante ângulos de pontos de vista  
de um lago de lágrima escondida,  
palavras mastigadas não saiam  
e eu fiquei embriagado de querer saber  
de minha mãe que de pé a pé,  
da pia ao varal  
e do varal à pia,  
do silêncio da pátria língua,  
a palavra nunca veio.

### **A réplica de Narciso**

A cena real é olho a olho,  
olho olhando e sendo olhado,  
alcançando e sendo alcançado  
comendo a si mesmo,  
vestindo-se a ermo  
de sua própria pele,  
calçando o pé com o próprio pé,  
olhando a alma com alma.

Da réplica de Narciso já caído  
e encravado como pedra num anel  
nasceu a vida da esperança de hoje  
e no encontro de Narciso consigo  
o feio se desfez e refez como um castigo  
no mergulho  
do seu rosto em águas claras.

**Ore por Israel, o povo**

Ore por todos os povos israelenses:  
crianças, trabalhadores, mulheres,  
estudantes, profissionais esquecidos.  
Não ore por Benjamin Netanyahu e Yoav Gallant  
que têm sede de sangue humano,  
não ore por esses ególatras  
que reduzem Gaza a um cemitério.

## Parcelas

O tempo é parcelado  
em medidas de duração  
e o mundo também é,  
mas em medidas de palmos de chão,  
o que você deixa de fazer  
enquanto anda para ver,  
requer parcelas de tempo  
e medidas de palmos do mundo,  
parcela de tempo  
é a experiência da duração  
das coisas que você faz  
e das coisas que você deixou de fazer,  
parcela de mundo  
é a experiência de poder viver  
nesse vasto teatro que ele lhe oferece  
enquanto você anda palmos de chão,  
se você passou com muita pressa  
e não deu conta de ver o rosto de quem te viu passar  
é porque a noção de tempo foi ficando pelo caminho  
em transe entre o tempo perdido e o mundo  
roubado.

**De aurora a aurora**

Do sábio ou do tolo  
o filho nascerá  
e não figurará  
em nenhuma história real,  
todos os homens foram convidados  
para fiscalizar uns aos outros  
nesse baile de máscaras tão congênicas,  
nesse infinito salão,  
iremos de modo sutil, raro e fino  
deter os que não fazem nada  
e que querem destruir o mundo  
feito por nós outrora, aurora.

**Me dê voz**

A verdade negada  
bem escondida e pouco presente  
nos corações dos homens  
diz em voz baixa em seu íntimo escuro:  
minhas vestes de ouvidos  
e dos olhos em sussurros  
foram roubadas pela mentira  
que vira e revira as noites e os dias.

**Vam do bar**

Desenho um plano  
para uma viagem  
na mão da história até aí,  
escolhi o mês de abril,  
mês lindo  
ou mês-deus gregoriano,  
abril, “aperire”,  
abriu Flores  
para as visitas íntimas de São Luís dos Anausenses.

**Poema do dia**

No real e na fantasia  
a vida é um carnaval  
quando se distingue,  
no baile das máscaras,  
a fantasia do real,  
transforma  
a pessoa real em fantasias de ideais,  
o “real e a fantasia se separam no final”.

**Banho de cheiro azul**

Hoje acordei desperto  
“atento e a tempo”,  
não em meio a um pesadelo,  
mas te vendo como modelo de mim  
dentro de um vestido  
azul anil num domingo  
sob esse céu azulino  
como se o amor fosse todo “azulzinho”,  
no meu olhar, essa cor  
que “azulinava” esse dia  
viria virilmente dos olhos teus,  
os belos efeitos visuais de tua presença  
tudo azulejaria e você dizia: “hoje é meu dia”,  
teu vestido de domingo no céu dos olhos meus e teus  
banhava tudo de cheiro-azul,  
entre o mar e o final de tarde  
o céu foi perdendo o azul,  
mas todo esse azul ficou contido nos olhos teus.

**Pela uva sem o pão**

Saber ver e ler é mais que viver,  
Eva viu a uva disposta em prato  
no seu café da manhã,  
Pedro, na hora triste  
do seu café de dias sem pão  
e sem sociologia,  
ocupava outro lugar,  
a uva de Eva  
e o pão que Pedro não viu  
provocam querelas  
entre quem viu e comeu a uva  
e entre quem não viu nem comeu o pão  
na arena do contexto social.

### **A perda da palavra**

A ponta do lápis não risca,  
não rabisca nem pinta  
a tinta na ponta do carvão,  
na ponta do giz  
e na conta alta do sentido  
da palavra que lesiona  
o entendimento e o desejo de aprender,  
a perda da palavra na ponta da língua  
é a desesperança de um tipo de gagueira,  
a perda da palavra na conta da língua  
é parte da perda de parte do mundo.

### Poemas à parte

Esse poema veio até mim,  
mas jurei desejo de não me notar nele,  
me recusei a dar sentido ou significado a ele,  
atrolei antes o uso abusivo de poder possuí-lo,  
enquanto ele me vinha de dentro  
esmaecia, desmaiava qualquer sentimento de  
propriedade  
que viesse me iludir,  
poema nascido para não servir à utilidade,  
para não ser propriedade do sentimento  
de outro Rubião de um outro romance qualquer.

**Ofertório**

É através da música  
enquanto som, silêncio e sentidos  
que as comunicações unem povos e nações,  
é o que nos oferta,  
entre tantas outras ofertas,  
o poema cantado “Coração Americano”  
que nos aponta a ponte manifesta  
entre a fala e a escuta,  
entre cantos e contos,  
entre vozes e toques.

### **Sal e saliva**

O sal precede a saliva  
e a saliva, a fala,  
a fala precede a palavra  
e a palavra, o escrito,  
o poema é o que se vive  
no dito e no ouvido,  
no escrito e no lido  
em qualquer papiro  
banhado em “qualquer Nilo”.

**Viver é amar**

Sem posse  
o amor se enaltece  
vezes  
vezes  
vezes  
por onde anda.

**Ainda não é**

Sofri um acidente drástico e “ferível”,  
mas a poesia escapou ileso,  
sem arranhão ou fraturas,  
poesia ficou ileso, sã e salva  
porque foi criada  
por um poeta que se comove e se move por ela.

**Muros domésticos**

Quando o senhor me desprezou a seu gosto  
me senti à deriva no mundo,  
logo sem saber,  
o senhor tinha me dado a arma  
vital que eu mais precisava,  
o desprezo é arma  
mais perigosa  
que seta de rã venenosa.  
Logo, em seguidas vezes,  
o sentimento de repulsa  
e aversão passou a ser minha peça-chave,  
desde então me peguei desperto  
acordado, atento e preparado  
para as lutas de horas difíceis  
porque foi necessário abrir as portas do mundo  
como se fossem “muros domésticos”.

**Se eu**

Se eu fosse um deus baniria a mentira  
da terra, do mar e, principalmente, do céu,  
dos dramas, das montagens teatrais

e

das paixões.

A mentira tirou as vestes do corpo da verdade  
e vestiu seu próprio corpo  
e saiu pra passear toda farsante.

**Só se vem uma vez**

Que insistência infernal  
de cristãos que têm a esperança celestial  
cravada na experiência,  
travada no retorno de Jesus.  
Há mais de dois mil e tantos anos  
dispersos feitos diásporas,  
já nasceram  
e se foram pela mesma travessia,  
Clara Clarice, claro, viu todos  
em cada um  
e cada um em todos  
misteriosamente segregados em nada.

## Feriram a periferia

E agora fascistas?  
 Sobre esse céu que nos cobre  
 que sol banha vocês, hein?  
 Qual a sensação de poder falar alto  
 ou legível como antes agressores inelegíveis?  
 Agora deve ser muito ruim ser oposição  
 sem saber a que se opor.  
 A ponta do neoliberalismo  
 é a mesma do nazismo  
 e está armada e apontada para a alma da verdade,  
 para a cara da periferia  
 já tão ferida.  
 Agora vocês falam baixinho  
 e desarmados sem forças armadas,  
 sem cercadinhos, sem seus gadinhos,  
 qual é a sensação, hein?  
 Vocês, agorinha, são pedras  
 descendo montanhas abaixo,  
 bolsonazis,  
 bolsofascis,  
 bolsonaris,  
 cadê vocês?  
 Eu tô na periferia.

**Pobre diabo**

Que pobre diabo eu sou,  
ninguém me ama, nem me deseja,  
quem se ver, não me vê,  
Ieanne me deixou em fragmentos,  
num tédio bem espelhado  
nas lentes de meus olhos,  
em seu nome li significados mil,  
que pobre diabo nasceu tão só  
para atravessar a travessia.

**Malditas ideias**

Entre os que morrem por nada  
e os que estrangulam seu próprio viver,  
dando-se a quem não tem nada a dar,  
há um abismo inútil,  
morrem por amor,  
mas vivem o amar desabotoado da jovialidade.  
O riso sisudo escancarado  
se manifesta nos olhos que me falam,  
nas bocas que me olham,  
nos ouvidos que desafiam a alma  
mediante encantos de cantos.  
Poesia agora é viver sem fatalidade  
com as palavras vivas molhadas de salivas.

**Um sertão por dentro**

Não é só vê,  
não é só vê-lo  
não é só falar  
de seca do sertão,  
só tem seca no sertão?  
A seca é exterior  
ao olho e ao olhar,  
ao ver e ao ser,  
o sertão tá dentro de nós  
e a seca  
onde você quiser,  
o sertão é o microcosmo  
do chão universal ininterrupto  
que pisamos,  
o sertão é o ser tão imperante  
que está dentro de nós,  
e a seca?  
também.

## **Nem de noite nem de dia**

Você me ama  
de coração em oração,  
bate palmas com olhos,  
palavras, ouvidos, pés e mãos.  
Como se fosse sereia  
dança feito aranha em sua teia,  
sem esse show não seria ceia,  
ceia,  
ceia,  
nem haveria refém das circulações  
de vasos, cordas e veias,  
veias,  
veias.  
Desde quando sangue é santo  
ou campo santo?  
Sangue não é confraria  
nem de noite  
e nem de dia  
e nunca será laço  
entre monarca e monarquia.

**A morena é**

Porque nasceu para ser,  
quem sabe, um exemplo de encanto  
em vez de disfarce,  
deixe a morena,  
já que ela está entre nós,  
ela já é.

**Eis o eu real e profundo**

Imagem parada, aferrada  
onde a ilusão da presença  
reside na “lembrança do ausente”,  
fiz caras e bocas nessa fotografia,  
porque estava tocado  
pelo ambiente de reflexão livre.  
Estava livre nesse retrato,  
mas a felicidade  
não iluminou meu rosto  
e a passagem do tempo imprimiu  
transformações faciais.

## **Pena impiedosa**

A lei não tem pena  
e com toda sua força lhe condena  
mesmo que às duras penas  
você suplique por pena,  
seguindo a linha da aplicação  
a lei não tem alma nem coração  
e lhe vitima como alma penada  
definitivamente numa só canetada,  
o que vai ser de você?  
não sei, pois mediante o castigo imposto pela lei  
não vai ser uma pena curta nem implícita,  
mas vistosa e longa conforme a justiça aplica,  
há pena para contrapor e descrever  
o mundo inteiro contra você,  
mas não há a pena para atenuar  
quando o “perdão cansa de perdoar”,  
a pena com que se escrevia  
era afiada e fria como uma lâmina  
que mergulhada em um tinteiro descrevia  
sua pena tal qual a caneta de hoje em dia.

**Eu só quero viver**

O que é meu  
não é o saldo do que ficou,  
mas, o que o véu do tempo Ido  
encobriu na sombra  
do tempo que passava  
na duração das coisas.  
Sumidas as ilusões  
que o esquecimento engoliu  
com voracidade,  
sobrou apenas esse poemeto  
de um rastro perdido  
das dobras do tempo.

## *Sessão Coruja*

Portal de desabafos:  
à guisa da via pública...

Entre, por gentileza...



## **“Todo dia tem a hora da sessão coruja...”**

Após você passear, quase sem fôlego, pelos tantos caminhos conosco, pelo salão de poesia, vislumbrando aqui e acolá, um pouco dos seus próprios passos, descanse um pouco, reflita, revide e vista-se de poesia, não importa se boa ou ruim, vista-se, pois a poesia é a essência de todos nós.

Afinal, se a pedra fosse apenas a pedra, não deixaria nunca de ser pedra, mas o poeta se aproximou dela, mórbida, fria, estática, foi ele quem disse: pedra, foi o poeta que fez ela rolar e ainda preconizou que “até as pedras se encontram” e a pedra começou a rolar mundo afora e penetrou corações, olhos e ouvidos e petrificou a mata e fez-se “selva de pedra”.

De cada momento desta poética que olha o mundo e as pessoas que estão nele, abre-se este portal para um novo fôlego em veias e vias ímpares. Neste portal abrimos um novo espaço para que possamos sentar e conversar um pouco mais à sombra dos olhares alhures dos poetas que se apresentam ora tensos, ora mansos e amáveis e ora revoltosos, mas sempre imensos e pulsantes mirando a vida.

Neste portal, há uma sala denominada de “Sessão Coruja” que visa um horário extra normal para expor um diálogo entre os versos e a prosa que intrínsecos “como o amor e a amizade” conversam sobre as coisas do dia a dia, sobre as coisas que atormentam e dão prazer às pessoas.

Portanto, neste momento, abrimos este portal como mais um canal de comunicação para que possamos continuar nosso diálogo.

Pare, descanse um pouco à sombra da poesia. Depois levante-se e seja poeta também com as coisas do mundo e com o mundo das coisas.

Um forte abraço.

**AS LETRAS E AS PALAVRAS**

No alfabeto há letras enristes, A, I, H, T  
há letras que se bifurcam, V, Y, U,  
há letras tristes, M, N, W,  
há letras que olham para a direita em massa, C, E, F,  
G, K, L, P, R, S,  
há letras que se enlaçam num círculo duvidoso, B, D,  
Q, O,  
há letras rebeldes  
que olham para a esquerda solitárias, J, Z,  
mas quando todas se encontram  
dão sentido a tudo.

## **O milagre dos poetas**

O poeta mesmo maldito  
faz milagre com as palavras,  
o que ele diz, também desdiz,  
e por um triz trisca  
na ferida para sarar ou inflamar.

## **Nasi-nasi**

Hera huxuo  
ibaye manho  
kua-kure pruka xami  
kanë sani-sani  
kutao xoabye  
pruka huxuo.

**Almas rezam e tremem de ódio**

Yanomae,  
Yanõmami,  
Sanima  
e Ninam,  
nós vingaremos as atrocidades  
gritando em coro  
com nossos ancestrais em  
Yanomami,  
sanõma,  
ninam,  
yanomam,  
yãroamê,  
yãnoma  
aqui na terra  
como no céu,  
aqui nos rios,  
como no mar,  
aqui na floresta  
como na selva de pedra  
e o pão nosso de cada dia  
nunca mais vai faltar.

## **Braços e bocas**

Na juventude e na velhice  
vestia um poema e saía todo elegante  
e sempre acabava nos braços e na boca  
de umas e outras.

\*\*\*

NEM SÓ DE LÁGRIMAS VIVE O NOME

As lágrimas  
no canto  
dos olhos  
fizeram cócegas  
na face inteira  
e eu sorri e disse amém  
quando vi  
os Yanomamis sorrindo também.

## **Um certo José**

O sabão comido  
nas masmorras das prisões  
não te fez amargo,  
nem a perda dos dentes esmurrados pela ditadura  
tiraram de ti  
o riso e a esperança,  
querido José.

### **Oração de comunista**

Senhor, que todos tenham saúde,  
senhor, que todos tenham segurança,  
senhor, que todos tenham moradia,  
senhor, que todos tenham educação,  
senhor, que todos tenham bons salários.

Senhor, amém,  
senhor, além não,  
senhor, aqui na terra e lá no céu.

## **O menino e os monstros imperialistas**

O menino  
sussurrou nos ouvidos dos monstros  
na via das redes internacionais:  
seus merdas!  
não tenho medo!  
“X’ispem daqui!”.

## SENTENÇAS INAPLICÁVEIS

O joio e o trigo  
não se separam mais  
conforme tanto queremos,  
estão unidos pela semelhança  
que só se aparta deles na fase adulta,  
o joio e o trigo  
não se separam por questões de justiça,  
mas por questões de feitura do pão.

### **A crítica daqui**

A crítica daqui é babá  
dos poetas de lá  
e só mima poetas de marcas,  
a crítica daqui é uma beata  
que só tira seu véu  
para seus próprios versos.

### **Os poetas menores**

Passarão despercebidos  
ou por falta de percepção  
ou por falta de afinidade  
ou por falta de amizade,  
ou por falta de qualidade,  
os poetas menores  
serão deixados  
de lado propositalmente  
por serem poetas menores.

## **A tarefa de Negão**

Vender todos os chocolates  
até o final da tarde...  
lá vai Negão ainda neguinho  
pernas bambas e água na boca.  
O fiteiro, seu crucifixo de infância,  
a desnutrição sua carta de apresentação,  
lá vai Negão:  
    rua dentro,  
    rua fora,  
os comerciantes ambulantes e estáticos,  
    seus consumidores.  
    Oh o chocolate!!!  
    Dia após dia, Negão crescia.  
Foi promovido a lavador de carros  
e seu boné de marca passou a ser uma lata d'água,  
    seu brinquedo, carros de verdade.  
    Lava o carro aí, Negão!  
Lá vai o carro limpinho se distanciando do Negão  
que cresceu sem comer chocolates  
    nem dirigir carros  
    (final do séc. XX).

À TRINDADE

É pai,  
é filho,  
mas espírito santo, não,  
em nome do pai,  
em nome do filho  
e do espírito santo  
desdenha de pobres coitados,  
é pai,  
é filho,  
mas espírito santo, nunca terá.

**Quantas vezes o amor andar  entre n3s?**

O amor, na primeira vez,  
dentro da bolha,  
era um inocente,  
o amor, na segunda vez,  
era velocidade e “juventudinamente”  
amou amigos e irm3os  
entre ef3meros abraços  
e apertos de m3os,  
o amor, na terceira vez,  
era avassaladora paix3o  
e se entranhou em pernas, pelos, cabelos e cora3o,  
o amor, na quarta vez,  
veio demasiadamente am3vel,  
caiu em nossos braços e tomou para sempre  
todos os nossos passos.

## **Deus é a pessoa**

Deus é isto  
e a pessoa também,  
a pessoa é isso  
e Deus também.

## **O dono de tudo não humilha ninguém**

É dono do mundo,  
do sol,  
da lua,  
das estrelas,  
dos mares,  
dos rios,  
das florestas,  
ele é dono  
de tudo e de todos  
e nunca humilhou ninguém.

## **O voo eterno**

Quem morre  
se torna eterno  
porque nunca mais morrerá.

\*\*\*

## A DISPUTA PELA VIDA

Nem ele morreu,  
nem eu,  
então eu tenho medo dele  
e ele tem medo d'eu..

## **Morte e vida**

A morte não morre nunca  
porque anda lado a lado com a vida.

**O tempo revela tudo**

Maria Joana era debandada mesmo,  
assumida, ia de bolso em bolso,  
e ousava mais, ia direto na mente,  
imprensada ou leve e solta  
beijava de boca em boca  
e de pontas de dedos  
às pontas de dedos  
apontava seus segredos,  
Maria Joana deixava  
meninos e meninas,  
coroas e coroas alucinados,  
Maria Joana sofreu na prisão anos a fio  
por suas debandadas de fundos de poços  
a poços profundos.  
Agora, Maria Joana,  
mais branda e redimida,  
consagrou-se curandeira.

### **A mãe é a terra**

Mainha era forte,  
bonita, desbocada e carinhosa,  
mãe era abrigo,  
artigo de luxo do dia a dia,  
mamãe era vestido, maquiagem,  
penteado e salto alto,  
mãe, mainha ou mamãe,  
encantou-se,  
virou serra após terra  
e agora pó,  
é a terra  
que meus pés pisam.  
(à dona Ana, dona Alice, Zezé e dona Irene de  
Areia).

## **Eternas testemunhas de tudo**

O sol,  
a lua,  
as estrelas  
e o vento,  
são as eternas testemunhas  
de eternas dores e eternas alegrias de eternos  
tempos.

**Tudo é fofoca**

O professor fala do aluno  
e o aluno fala da escola,  
o policial fala do bandido  
e o bandido fala do Estado,  
o médico fala do paciente  
e o paciente fala da farmácia,  
o político fala do eleitor  
e o eleitor fala do título,  
o corretor fala do morador  
e o morador fala do construtor,  
o bancário fala do gerente  
e o gerente fala do saldo dos clientes,  
o comerciante fala do consumidor  
e o consumidor fala dos preços,  
o jornalista fala da notícia  
e a notícia é falsa.

## **A morte dos filhos**

Após tantas mortes  
sem ressuscitarmos ninguém,  
demos pra amar os renascidos  
das cinzas do lixo,  
nada aprendemos  
como filhos  
como irmãos  
como pais  
como mães  
e agora andamos  
com desumanos afetos  
alucinados amando reborns.

\*\*\*

### A FEIRA

Há muita mentira  
na ponta da língua  
de cada um  
ao contar suas “ilusões perdidas”,  
há no canto da boca  
de cada um,  
uma história vendida à preço de banana.

### **O matador de leões**

Mato 1 leão por dia,  
mato 30 leões por mês,  
mato 365 leões por ano,  
em breve os leões  
estarão extintos  
com tanto massacre  
e não terei mais o que matar.

## **O capitalismo engoliu o mundo**

O rico,  
o pobre  
e o ladrão  
desejam o mesmo apple iphone  
e morrem e matam por ele.

**Abismos do dia**

Aline vinha vindo  
cheia de esperança  
tendo vinho e pão  
do município e do estado,  
de repente,  
dementemente,  
silenciosamente,  
doentemente,  
Aline abandonou-se  
numa esquina qualquer  
e sem olhar para trás  
seguiu rumo ao abismo

d  
e  
l  
a  
m  
e  
s  
m  
a  
.

## O MUNDO ESTÁ FICANDO ESQUISITO

Na infância só morriam  
gatinhos,  
passarinhos,  
cachorrinhos,  
depois na adolescência  
encantou-se voinho,  
pouco tempo depois,  
também se foi voinha,  
adiante foi titio,  
num piscar de olho,  
titia também partiu,  
aqui e ali, sumiu um primo  
e amigos também se foram,  
quando adulto, inesperadamente, painho morreu,  
algumas luas depois  
mainha já não estava aqui,  
o mundo está ficando esquisito.

## **Guerra do agro**

A soja queima arroz  
queima feijão  
queima milho  
queima terra  
queima gado  
queima agricultor.

Deixa tudo em cinzas e depois é exportada.

## **Guerra falsa**

A guerra só é guerra  
quando se dá entre mísseis hipersônicos,  
armas a laser contra armas a laser,  
mísseis balísticos intercontinentais  
contra mísseis balísticos intercontinentais,  
submarinos com mísseis nucleares  
contra submarinos com mísseis nucleares,  
tudo isso contra pedras  
não é guerra, é covardia.

## **Já nasceram os pássaros-drones**

Os cantantes passarinhos  
abandonaram o céu  
com medo dos zumbidos mecânicos  
dos pássaros-drones.

## **Os impostores**

Hoje o Brasil  
cheira a dinheiro  
e os sornateiros candidatos  
distribuem notas de 50 e de 100  
e mandam para postos de gasolina  
os impostores eleitores  
que também se candidatam a corruptos.

## TERRITÓRIO HUMANO

Não tenho pátria,  
não tenho região,  
não tenho Estado,  
não tenho cidade,  
não tenho bairro,  
não tenho casa,  
meu território é humano  
porque minha moradia tá na luta do corpo.

## **Os donos e os danos**

O dono da terra  
faz guerra por ela,  
cerca o que ara  
e se apropria do que colhe,  
o dono do mundo  
dá o rio,  
enche os açudes,  
dá chuva e sol  
e a colheita é de todos.

## **Se tudo estivesse perdido**

Não haveria alegria  
nem tristeza,  
ninguém amaria ninguém  
e o filho desse amor  
seria também ninguém.

## **Frevo do canibal no carnaval**

Quando eu te comi  
comi tudo teu  
com gosto e voracidade,  
de modo que  
me fartei pra vida inteira  
e não sinto  
mais fome de ti.

## **Quem não planta, recolhe**

A justiça recolhe casal  
vendendo maconha  
e deixa ao relento  
6 criancinhas  
sem pai  
sem mãe  
e sem comida.

ENTRE O ÍNTIMO E A INTIMIDADE

Gostar naquele sentido  
mais íntimo da intimidade  
mais íntima.

### **Ela não era princesa**

Ela beijou um cururu,  
depois beijou um jaburu,  
em seguida beijou  
vários bichinhos de pelúcias,  
mas nenhum deles  
se transformou num príncipe rico,  
ela não era princesa  
e ficou com os lábios arruinados  
de tanto beijar uns e outros  
à procura de um príncipe rico.

## **A velha bodega da curva sinuosa**

Ela brigou com ele  
e correu bem apressadinha  
para a velha bodega lá da curva sinuosa  
para tomar uma cervejinha  
olhando para sua própria sina  
naquela sua velha esquina  
de curva insinuosas.

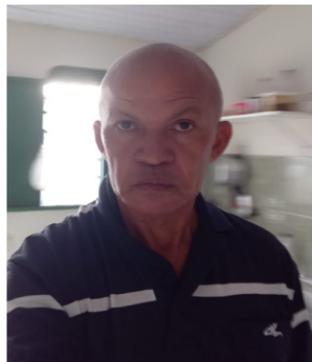
## **Amor se mede**

Ela disse  
que seus braços  
eram pequeninhos  
para mostrar  
o tamanho do amor  
dela por mim.

## SOBRE OS AUTORES



**RILDO FELIX DA SILVA** é graduado em História pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, é Especialista em História da Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, é autor dos projetos: “História e Arte”, “Projeto Tataguassú” e “Os trabalhos e os Dias” desenvolvidos na Escola Maria Dulce Barbosa na cidade de Queimadas-PB. Foi presidente do Centro Acadêmico do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba e dirigente do Diretório dos Estudantes da Universidade Estadual da Paraíba-DCE-UEPB, foi pesquisador do Grupo de Estudos de Música Clássica Violão-clássico-LABORAMUS do Departamento de Artes da Universidade Federal da Paraíba-DART-UFPB. Foi professor do Instituto Superior de Educação Rorainópolis-RR onde lecionou: Educação Indígena II, Sistema Educativo Brasileiro, Estágio Supervisionado em Educação e Iniciação Científica. Foi professor da Universidade Estadual de Roraima-UERR na disciplina Humanidade. Atualmente é professor de História da Escola Estadual de Roraima Luiz Ribeiro de Lima.





## **ANTÔNIO DE BRITO FREIRE**

é graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, é especialista em língua portuguesa e literatura brasileira pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e doutor em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB. Foi professor de literatura da EAD-UEPB-CAPES, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, das Faculdades Integradas de Patos-PB. É autor dos livros artesanais: “Transarte” e “Lendas e Atitudes de poeta”, é autor dos livros “Infitada” (com parceria), “Literatura brasileira” financiado pela CAPES-MEC, “A escrita do nome e da voz...”, “Poética da Incorrespondência: No reino das palavras” e “Versos de Impulso e Versos de Pulso”. Atualmente é corretor, normalizador e editor da Editora da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.





Design by Arão de Azevêdo  
Imagem da capa: © 2018 Rawpixel Ltd.  
Tipologia utilizada: IBM Plex Serif 11/14  
Finalizado no inverno de 2025, Campina Grande-PB

O livro "Constelações" revela-nos uma imagem literária com uma margem povoada por marginais ora espertos e ora espetados na conjuntura política do dia a dia. Por isso mesmo, os poetas buscam com toda ira de suas mensagens abordar a força do atraso que acometeu sua nação nos anos de políticas esdrúxulas contra as quais se debruçam para destruí-las com suas sólidas palavras poéticas...

ISBN 978-65-83083-12-8

